

Apresentação

O primeiro número de *Estudos de Religião* deste ano (2020), que fecha a segunda década do presente século, está “no ar”. Impossível não fazer aqui um registro primeiro sobre o tempo de pandemia que vivemos desde o início do ano. Inédito no seu impacto, acelerado em número de vítimas e pela sua abrangência ao redor do mundo, atinge sem dúvida as atividades acadêmicas e os suportes de que as mesmas dependem. Esse número foi produzido já em tempo de recolhimento, de universidades fechadas, de luta pela sobrevivência, de perda de muitas vidas. É o maior desejo da equipe editorial que na chegada do presente número cada leitor/a se encontre, no mínimo, com saúde, alguma energia e sobretudo com disposição para a solidariedade e a esperança.

Registramos, nesse contexto, nossa especial gratidão a autores e autoras, a avaliadores e avaliadoras, e a nossos caros leitores e leitoras das diferentes regiões do Brasil e dos diversos países, que acompanham e tornam possível, há décadas, o trabalho desta revista. É graças ao empenho e dedicação dessa comunidade acadêmica que *Estudos de Religião* mantém o reconhecimento privilegiado no exigente *Qualis* revista da CAPES no contexto brasileiro.

Diferente dos segundo e terceiro de cada ano, este primeiro número é de natureza miscelânea na sua temática. Verdadeira reunião de textos de temas diversos. Os/as leitores/as ficaram cientes da inutilidade de procurar qualquer elemento articulador dos temas abordados nos onze artigos que o compõem. O que a seguir destacamos não é característica deste número apenas, mas da nossa revista. Refiro-me a multiforme procedência de autores e autoras. Colaboraram para este número pesquisadores/as de diversas regiões, universidades, países e áreas do conhecimento. Não tomaremos o tempo dos leitores/as nesta quase inútil apresentação. Apenas, permitam-me destacar os temas abordados.

A sempre desafiante e escorregadia questão dos evangélicos na política, neste caso de um período eleitoral para a Assembleia Legislativa do Paraná, abre este número. A religião popular (todo uma problemática de estudo), por muito tempo chamada apenas de “religiosidade”, na cidade de Saltillo no México aparece no estudo sobre o processo que leva a se tornar um devoto do “menino Fidencio”. Da mesma problemática é o estudo da “religiosidade” cristã espírita em Goiás, nas suas tensões e sob pressões das

tradições religiosas majoritárias. O popular versus o oficial aparece como evidência de questões políticas, aparentemente, ocultas.

O estudo da constituição das Ciências da Religião foi no final do século XX, no Brasil, um tema de atenção novo. A preocupação volta, desde então, de forma recorrente. Neste número da revista reaparece sobre a noção de “construção”, que envolve aspectos epistemológicos, sociais e políticos. O autor aproveita o conceito de “obstáculo epistemológico” elaborado por Gaston Bachelard para abordar essa questão. O artigo “Qumram e as identidades plurais” se insere nos recentes estudos sobre a identidade e sua relação com a religião no mundo antigo, especialmente no judaísmo antigo, e notadamente nos manuscritos do Mar Morto. As evidências apontam para um judaísmo de identidade fluída e multifacetada. A obra de Dostoevski também é abordada, na sequência, neste número, com ênfase nas consequências existenciais e sociais da perda de fé por parte da humanidade, questão recorrente no pensamento dostoevskiano.

O campo religioso nunca foi pacífico. Muito pelo contrário, sempre perpassado por tensões ao interior de uma mesma tradição. O artigo seguinte propõe, por meio da análise do conteúdo de jornais, revistas e processos criminais, estudar as rivalidades e os enfrentamentos religiosos entre católicos, protestantes e pentecostais no Ceará. Outro tema recorrente nas últimas duas décadas, no campo dos estudos de religião, é o “ensino religioso” na escola pública. O artigo em questão, parte de uma pesquisa qualitativa e trata do impacto da formação para o efetivo trabalho da docência e sua relação com a concepção de Ensino Religioso Escolar, no cenário brasileiro. Os autores abordam a questão utilizando como referencial os “saberes docentes” de Maurice Tardif. No seguinte artigo, a Escola Austríaca de Economia é revisitada, mostrando sua perspectiva conservadora e situando-a na “escola radical do liberalismo”. Com o pergunta “Quem matou Saul?”, o penúltimo artigo deste número oferece uma revisão da “arqueologia Bíblica” pela “nova arqueologia”, na procura de uma nova narrativa histórica sobre os primórdios de Israel em afinidade com a exegese crítica, a leitura feminista e com o arcabouço arqueológico atual. Finalmente, encerrando o número, os *Diálogos de Amor*, de Leão Hebreu, é objeto de reflexão mostrando como elementos gregos e judaicos dialogam em harmonia, revelando os vínculos comuns entre os *Diálogos de Amor* e o comentário de M. Ficino ao *Banquete* de Platão.

Boa leitura!

Paulo Barrera Rivera